O CARTÃO POSTAL QUE CAIU NA VIDA

DF - Brasília

Conic vira centro da insegurança

Assaltos a lojas de dia dão lugar a tráfico de drogas à noite com malogro da revitalização

Norma Moura

Os tempos de cartão postal do Conic há muito ficaram para trás. De ponto de encontro da elite brasiliense na década de 60, os arredores do centro comercial e empresarial se transformaram em ponto de venda de drogas e paragem de moradores de rua, muitos usuários de drogas como merla e crack, que acabam traficando para conseguir a própria dose do entorpecente.

A má-fama do Conic, que vinha sendo combatida com reformas nos prédios e a revitalização de espaços culturais e restaurantes, cresceu nos últimos tempos. O local atrai desde viciados a estelionatários em busca de dinheiro falso ou cheques e documentos roubados. É comum também ver na região adolescentes e até crianças com menos de 12 anos, sendo usados por traficantes maiores, que não arriscam a própria pele frente aos policiais.

Com o empenho dos órgãos de segurança pública, que vêm empregando esforços para combater a criminalidade em toda a área central de Brasília, as melhoras começaram a ser sentidas. Mas, segundo os comerciantes, o quadro ainda é preocupante.

Toque de recolher

Depois da 19h, o local começa a ficar deserto. Lojas e escritórios fecham e a área é tomada por uma outra população, que aumenta as estatísticas de pequenos delitos, além do tráfico de drogas. Junto com a prostituição, esses são os principais problemas apontados pelos comerciantes.

As autoridades policiais garantem que houve redução nos principais crimes praticados no centro da capital. Mas esses números poderiam ser melhores, acredita o administrador da prefeitura do Setor de Diversões Sul (SDS), Lélio Saunders.

– A Polícia Militar tinha de pôr mais homens aqui. Principalmente à noite – avalia o administrador.

Ele admite que houve redução no número de assaltos praticados no Conic e arredores desde a chegada da Polícia Montada, mas aponta falhas que poderiam ser solucionadas.

– Dentro do Conic, há áreas públicas onde ocorrem delitos, mas nossos vigias sozinhos não conseguem guardá-las. Os cavalos não entram nessas áreas internas e os bandidos sabem disso. Era preciso a presença de policiais a pé, como as duplas de Cosme e Damião – defende Saunders.

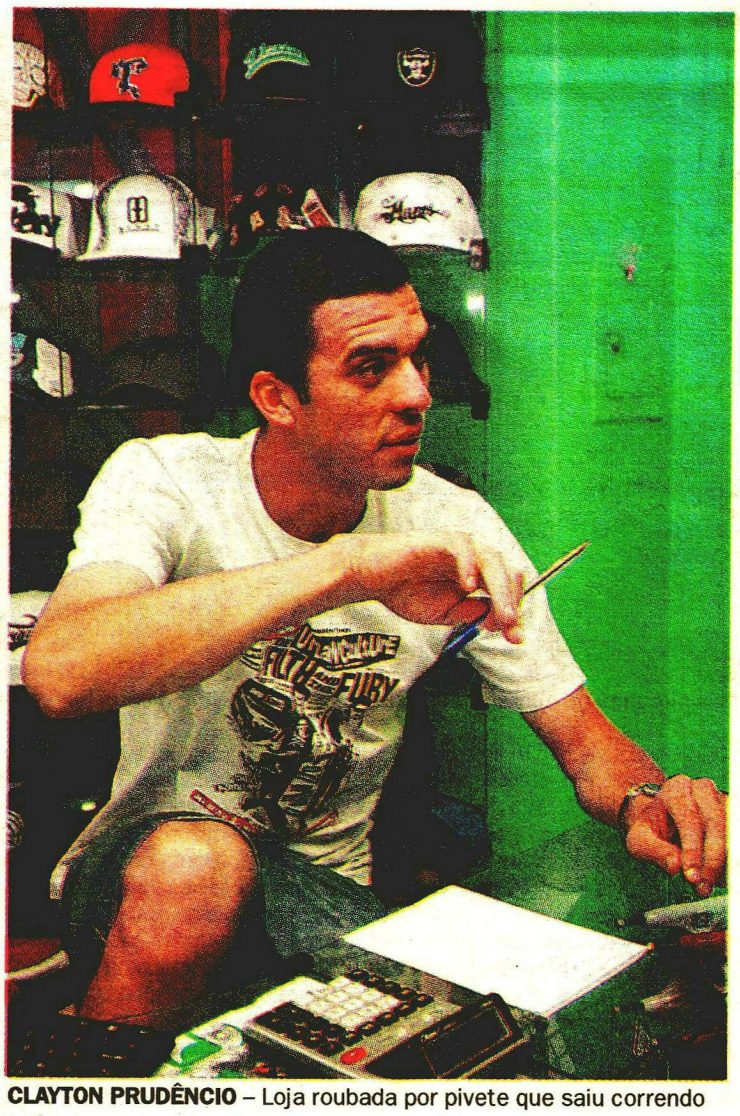
Para o comandante de Policiamento da PM, Luiz Henrique Fonseca, há policiamento suficiente no SDS e Conic. A prova seriam as prisões de traficantes e criminosos realizadas no último mês.

– Há um mês, a PM desenvolve um trabalho preventivo na asas Sul e Norte. Estamos saturando essas áreas com policiais. Há, inclusive, policiamento a pé – rebate o comandante. – Às vezes, o comerciante fica dentro da loja e não vê o policial.

Crack assusta comerciantes

Mas vê o ladrão. É o que garante o comerciante Clayton Prudêncio, 25 anos, proprietário, desde o ano passado, de uma loja de artigos esportivos no Conic.

– Furto aqui, é direto. Quinta-feira, entrou um pivete na loja, pegou mercadoria e saiu correndo – conta o rapaz, que acredita que a situação piorou desde a entrada do crack na cidade.



CLAYTON PRUDÊNCIO – Loja roubada por pivete que saiu correndo

– Depois do crack, a coisa ficou pior. Antes, ficávamos abertos até a meia-noite. Hoje, não dá para passar das 19h. Se após esse horário ainda tem cliente na loja, a gente começa a ficar tenso – confidencia.

Segundo o comerciante, é comum ver menores usando entorpecentes nos corredores entre os edifícios comerciais.

– Eles passam com o crack na cara-dura, de dia ou de noite. Os traficantes deixam a droga na mão dos menores: caso estes sejam pegos, não acontece nada – revela Prudêncio.

A informação é confirmada por Ari Ximenes, 37 anos, funcionário de uma loja de jogos do centro comercial. Ele também tem a sensação de que a situação se deteriorou com a chegada do crack.

– O local sempre foi mal visto. A situação vinha até melhorando aos poucos, mas com o crack, as pessoas se intimidaram. Antes, fechávamos por volta das 22h, agora, entre as sete e as oito da noite, baixamos as portas. Não há mais clientes – constata.

Pivetes ameaçam

Ele diz que a relação com os usuários é complicada.

– Tem muito morador de rua perambulando por aqui. Se os pivetes resolvem se drogar na nossa porta, não podemos nem pedir para eles saírem, pois nos ameaçam – resigna-se.

Pertinho dali, do lado de fora do conjunto comercial, há quem discorde dos comerciantes. Rogério Carvalho, 34 anos, há 12 trabalhando como taxista no ponto em frente ao Conic, diz que o local acaba sofrendo com os problemas da vizinhança.

– O Conic nunca foi perigoso. A polícia aqui bate em cima o tempo todo. Os crimes acontecem do lado. A qualquer hora do dia, você encontra os ladrões na Rodoviária ou no Touring, mas quem leva a fama é o Conic – defende o taxista.

Marcos Brandão

ARI XIMENES – Situação se deteriorou com a chegada do crack

PELOS GRAMADOS – Moradores de rua estão sempre em torno do Conic

> "Eles desviam da Polícia Montada. Se os militares estão na parte da frente, eles ficam na de trás. E à noite, é pior"
>
> Lélio Saunders, administrador da prefeitura do SDS

> "Com certeza, parte dos moradores de rua tem participação nos delitos na área. Mas não podemos retirá-los de lá à força"
>
> coronel Luiz Henrique Fonseca, comandante de Policiamento da PM

> "A população reclama, mas alimenta a situação. Fica difícil a Secretaria abordar os moradores de rua e convencê-los a mudar"
>
> Eliana Pedrosa, secretária de Desenvolvimento Social

Bandidos fazem jogo de gato e rato com a polícia

Os delinqüentes que circulam pela região traçaram até uma estratégia para não cruzar com a polícia. Eles circulam pelos arredores do Conic, mas não se afastam muito, nem ficam por muito tempo longe de suas bases no interior do edifício.

– Eles desviam da Polícia Montada. Se os militares estão na parte da frente, eles ficam na de trás. E à noite, é pior. Eles conhecem o esquema de policiamento e por isso não adianta apenas passar uma viatura com as sirenes ligadas ou ficar dez minutos.

Segundo o administrador Lélio Saunders, os delinqüentes sabem que a viatura passa pouco tempo no local e só retorna quarenta minutos ou uma hora depois.

Lojistas são unânimes

Se sobram problemas, não faltam dedos para apontar culpados. Os comerciantes são unânimes em acusar os moradores de rua como as principais fontes dos delitos cometidos na zona central de Brasília. Mas a questão dos moradores de rua não é fácil de ser resolvida. O próprio comandante Fonseca admite.

– Com certeza, parte deles tem algum tipo de participação no número de delitos na área. Mas não podemos retirá-los de lá à força sem que tenham cometido algum crime.

Como parte do trabalho de inteligência que a Polícia Militar vem desenvolvendo na área, foi feita recentemente uma triagem dos moradores de rua. Os que tinham mandados de prisão expedidos foram recolhidos.

– Estamos monitorando essa população. Várias pessoas foram presas – afirma o coronel Fonseca.

A PM não pode retirar essa população da área, tampouco a Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (Sedest), comandada pela deputada Eliana Pedrosa. A constituição brasileira garante a todos, sem distinção, o direito de ir e vir. Isso inclui a população de rua.

Ciente disso, a Sedest trabalha com a abordagem amigável aos moradores de rua. Uma equipe de profissionais da secretaria é treinada para abordar esse público. Os profissionais tentam convencer essas pessoas a ir para o abrigo do governo.

Alimentando a miséria

O trunfo para conquistá-los é a oferta de comida e o apoio para retirar documentos, além de vagas em cursos de capacitação profissional. O problema é que, nem sempre a proposta de moradia, proteção ou possibilidade de trabalho oferecida pela Sedest enchem os olhos dos moradores de rua.

– A população reclama, mas alimenta a situação. Fica difícil para a Secretaria abordá-los e convencê-los a fazer mudanças – denuncia a secretária Eliana Pedrosa.

Segundo levantamentos da Sedest, a população de moradores de rua em Brasília oscila entre 300 e 350 indivíduos. Esse número varia em função do período do ano.

– A população de rua é sazonal. Em janeiro e fevereiro, meses de férias, duplica. O mesmo acontece durante a semana – explica Eliana Pedrosa.

A maioria dos moradores de rua do DF é, na verdade, de moradores do Entorno, onde mantêm casa. Eles passam a semana em Brasília, onde o alto poder aquisitivo dos habitantes funciona como um chamariz, e voltam para suas casas nos fins-de-semana.

Como os moradores de rua ganham a vida de maneira informal na área, seja com a venda de pequenos objetos, artesanato ou mesmo com a mendicância, eles relutam a aceitar a intervenção dos agentes da Sedest.

– É importante uma mudança cultural. Se as pessoas não querem se sentir incomodadas tanto do ponto de vista econômico como humano, então não devem levar ajuda aos moradores de rua, para que eles não sejam refratários à abordagem da Sedest – alerta a secretária.